

Eixo Temático ET-08-003 - Educação Não-Formal

## **ACERVOS MUSEOLÓGICOS DE HISTÓRIA NATURAL NO BRASIL - A PROBLEMÁTICA E O DESINTERESSE**

Paulo Auricchio

Universidade Federal do Piauí, Departamento de Biologia, Teresina, Piauí.

### **RESUMO**

Apesar de ser uma das mais fortes ferramentas para o ensino das ciências, no Brasil os museus de História Natural são pouco visitados. A população tem uma imagem negativa que entende que museus são “depósitos de objetos”. Infelizmente, também a maior parte do professorado nos três níveis, tanto no ensino Básico, como no Médio e Universitário tem esta visão. Grandes museus Brasileiros são poucos e sempre possuem grandes problemas. Por outro lado, há um enorme número de pequenos museus criados pela iniciativa privada e mesmo de prefeituras, que não obtém subsídios governamentais, sequer no sentido de orientação. São muitos, normalmente uma coleção sem organização, expostos de qualquer forma, camuflando sua real importância, fazendo com que o visitante leve impressão errada destes acervos. Este panorama parece não ter solução: se não há demanda de museus, não são instalados e mantidos e, conseqüentemente o público continua sem saber sobre sua importância. Se não entendem o que é um museu, não visitam e não há demanda por eles. O objetivo deste artigo é levantar a questão sobre museus de História Natural no Brasil e o esclarecimento sobre alguns aspectos desta problemática.

**Palavras-chave:** Acervos de História Natural; Museus; Educação Científica.

Desde a renascença, os Príncipes e outros da realeza européia dedicavam-se a colecionar objetos curiosos trazidos por pessoas de lugares distantes. Nos séculos XVIII e XIX havia vários Gabinetes de Curiosidades na Europa e estes tornaram-se os embriões das grandes coleções de História Natural europeias. No século XVIII as Técnicas de Robert Boyle para preservação baseadas no “espírito do vinho” (álcool) ou em sal tornaram-se mais conhecidas, possibilitando preservar alguns animais com suas partes moles (PAPAVERO, 2002). Hoje dezenas de técnicas melhoraram a fixação e manutenção não só para espécimes biológicos como arqueológicos e mineralógicos.

Desde então as coleções científicas tem tido atenção e, nos países do mundo onde as ciências são consideradas de primeira importância para o desenvolvimento social, elas sempre estão presentes. Algumas delas possuem abrangência mundial e abrigam dezenas de milhões de exemplares e outras são regionais. Hoje, os acervos científicos são considerados como a base de toda a pesquisa científica, possibilitando o entendimento sobre o universo, já que armazena, preserva e ordena espécimes que representam a diversidade biológica, geológica, antropológica e histórica. São bens infungíveis que formam a infraestrutura de pesquisa que permite confirmar e aprimorar pesquisas anteriores, possibilitam comparações temporais sobre a fauna e flora, enfim, guardam espécimes representantes de nossas culturas atuais e passadas e do mundo físico. São uma fonte inesgotável de conhecimento científico e é importante salientar que a maior parte das descobertas serão feitas pelas próximas gerações, baseadas nestes acervos. Em última instância, suprem informação para estratégias de atuação governamental, gestão do meio ambiente, pesquisa agrônômica, médica e farmacêutica que têm implicações sérias em todos os níveis da sociedade. Principalmente, apontaria que as coleções são um potencial inequívoco do aprimoramento do entendimento da diversidade do mundo (FALASCHI et al., 2011).

Estes acervos devem ficar guardados em museus e, apesar da notória importância destes, a maior parte da população não tem o hábito e o interesse em visitá-los e sequer sabem o que são museus. Para a população geral, a imagem quando se fala em museu é aquela sala onde se expõe peças empoeiradas em vitrines empoeiradas e que, normalmente, a etiqueta amarelada

e escrita a maquina foi trocada de espécime ou se perdeu. Um tipo de museu que realmente desestimula qualquer criança e adolescente. Existem muitos museus de pessoas apaixonadas por ciência e história que enquadram-se nesta descrição. A existência destes museus reforça a idéia de que museu é um depósito de coisas velhas e deveriam ser amparados pelo governos local, mas isto muito raramente acontece. Isto é devido a um ponto mais alarmante que é o fato professores e outros formadores de opinião não saberem o que é um museu e por isto quase nunca levam seus alunos. Se não há demanda, não há providência. Quando estes professores levam seus alunos, não sabem ressaltar a importância destas instituições. Isto faz com que a população seja e continue completamente ignorante sobre a importância dos acervos e conseqüentemente em várias questões do mundo, o que diminui sua própria qualidade de vida. A escola não proporciona este conhecimento e vivência e, em conseqüência a população não conhece a importância dos acervos e assim tomam decisões absurdas com resultados vexatórios que escancaram nossa ignorância. Um episódio deprimente ocorreu em julho de 2004, quando uma amostra com 10 exemplares de raias da África, preservados em formol e emprestada pelo Governo da Espanha à Universidade Estadual do Rio de Janeiro, foi incinerada no terminal de cargas do Aeroporto Internacional Tom Jobim. Três dos 10 exemplares incinerados eram desconhecidos da ciência. Essa amostra também era única, insubstituível (como é único e insubstituível cada exemplar de museu) e que portava informações biológicas que só poderiam ser acessadas mediante o exame daqueles espécimes preservados. Conseqüentemente, o conhecimento científico dessa área sofreu uma brusca e irreparável perda, que acarretará prejuízos de ordem científica e econômica (FALASCHI et al., 2011), além do vexame que passamos perante a Espanha e o mundo acadêmico. Este é um dos possíveis resultados deste desconhecimento crônico do brasileiro sobre museus e seus acervos.

O potencial dos museus, mesmo quando há um acervo organizado e aparelhamento suficiente, nem sempre é utilizado. Auricchio (2003) analisou este uso em 17 museus brasileiros e concluiu que eles possuíam vocação e aparelhamento para o desenvolvimento da Educação Ambiental, mas que estes recursos eram subutilizados para esta temática. Além disto, percebeu que as atividades eram somente direcionadas ao público escolar, atingindo pequena parcela do público adulto, justamente aquele que possui poder de decisão.

Para dar início a uma reformulação dos conceitos deturpados pela população sobre museus, é necessário que haja conhecimento comum sobre a real estrutura de um museu e a importância de seus acervos para a sociedade. Considerando o panorama desenhado acima, percebe-se que este é um trabalho muito grande.

Um museu é uma instituição onde se armazena, cataloga-se e organiza-se objetos e conhecimentos sobre determinada faceta do conhecimento humano. Sobre este acervo há uma constante curadoria, onde a limpeza e organização taxonômica são tais que os objetos nele guardados se tornam tesouros insubstituíveis, pois estes objetos continuam contando sobre sua história, o que promove o crescimento do conhecimento humano. Sobre um mesmo objeto, novas técnicas desenvolvidas podem clarear ainda mais o que gerações anteriores não puderam perceber.

A maior parte das peças de um museu não fica exposta em vitrines, mas sim organizadas em armários e prateleiras, escondidos da poeira e da luz. São manipulados somente por profissionais treinados (cientistas) ou em treinamento (alunos). Não é obrigatório que um museu possua uma exposição, mas esta é uma condição extremamente desejável, já que todo o trabalho desenvolvido dentro dos acervos, nas pesquisas científicas é, em última instância, para a população. Isto dá aos que sabem o valor de um museu, a tarefa de disseminar a importância destas instituições.

As exposições de museu são, por seu lado, instrumentos de instigação, estímulo e entendimento sobre a evolução da diversidade. Ambos, acervos científico e didático, são interligados e não podemos dizer que haja um que seja mais importante que o outro, pois, enquanto um subsidia novas descobertas sobre o mundo, outro cumpre a função de divulgar as informações sobre as novas descobertas. A exposição pode e deve utilizar elementos do acervo científico, pois a presença de objetos verdadeiros instiga a curiosidade.

Os acervos didáticos são constituídos de peças produzidas para a exposição, que sejam mais atrativas para a população. Por exemplo, um busto de um homem primitivo, desenvolvido

a partir de evidências extraídas dos fósseis, uma cena do Paleolítico elaborada com informações dos artefatos encontrados em acampamentos pré-históricos. Até mesmo a vegetação do local pode ser representada, baseado nos polens de determinada região. Não são compostos por peças da coleção científica, mas dão uma melhor idéia ao visitante de como era a vida naquele tempo e como eram as ferramentas. Neste nicho pode ser, por exemplo, inserida uma vitrine com ferramentas líticas daquele período. Outras exposições, entretanto, somente podem ser compostas de objetos reais, como é o caso da coleção mineralógica.

Depois de mostrar este pequeno panorama, é necessário abordar aspectos mais técnicos e burocráticos de um museu.

Um ponto crítico e talvez o mais premente é a pequena oferta de especialistas em acervos em nosso país. Não há uma formação formal para especialistas em preparação e manutenção de acervos específicos. Não se trata do museólogo. Este age no museu inteiro e tem funções de salvaguardar, documentar, difundir os acervos com planejamento e realização de exposições, desenvolvimento de programas educativos e culturais além da defesa do patrimônio, que também pode ser chamado de curador. Esta é uma posição real no museu. Porém, refiro-me a um profissional especialista em determinada coleção – chamado curador da coleção X - e não há um treinamento formal para esta. Há sim uma formação empírica como o exemplo de um pós-graduando que tem que dividir seu tempo da pós-graduação com a curadoria da coleção em que trabalha. Isto resulta que, no futuro, um profissional acabe por encarar a responsabilidade de gerenciar uma coleção sem ter uma formação prévia, o que pode levar a procedimentos errôneos e prejudiciais – muitos exemplares em nossas coleções estão nas gavetas como prontos, porém ainda sem a preparação devida, como coletado e transportado, sem o devido acabamento, impossibilitando a maior parte das análises. Isto é um exemplo de uma ameaça às coleções – um patrimônio nacional de indiscutível valor científico e de desenvolvimento social gerenciado por um profissional mal formado que aprende por si só, com seus acertos e erros, até que realmente domine a tarefa. Neste trajeto algo é perdido.

Ainda, não existe a função formal de curador de coleções no Brasil e este cargo é ocupado por alguém concursado para outra habilidade. Isto ocorre sempre nas universidades brasileiras, onde quem ocupa a posição de curador é um especialista num pequeno grupo, mas tem que administrar uma enorme coleção com a qual não está familiarizado ou sequer possui interesse. Desta forma, é indicado que um museu seja uma instituição ligada à Universidade, não parte da Universidade, mas que tenha autonomia e concursos especiais para curadores específicos (VIVO et al., 2014).

Este panorama é majorado com a inexistência de padronização dos acervos e seus dados, o que dificulta a distribuição de informações e conseqüente atraso no crescimento da ciência. Aqui percebemos que a informatização dos acervos tem a grande importância que permite facilidade e rapidez de acesso, melhor gerenciamento dos dados e disponibilidade para pesquisadores distantes. Ainda não existe sequer um software convencional de uso comum (ZAHER; YOUNG, 2003).

Apesar de esforços, inclusive do Ministério da Cultura que criou um órgão para organizar a questão museológica no Brasil, o IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus, ainda existem milhares de dificuldades com o acondicionamento, a carência de equipamentos para manutenção das coleções como desumidificadores e armários deslizantes adequados, implantação de sistemas de alarme e proteção contra incêndios e climatização de acervos, devido à quase inexistência de linhas de apoio financeiro especiais das agências de fomento e a falta de compromisso institucional em longo prazo.

Considerando-se que existam leis que rezam que “todos têm o direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular ou de interesse coletivo ou geral (...)” (Constituição Federal em seu artigo 5º, inciso XXXIII); e que “cabe à administração pública, na forma da Lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem” (Constituição Federal em seu artigo 216, parágrafo 2º), devemos, pelo menos por força da lei, proporcionar a boa administração dos acervos e acesso a estas informações para quem delas precisa.

Em resumo, poderíamos dizer que os Museus brasileiros necessitam hoje que as instituições governamentais reconheçam, valorizem e apoiem o importante patrimônio que

abarcam, investindo em sua manutenção e ampliação. Que o governo disponibilize como demanda permanente, financiamento de melhoria e manutenção dos acervos museológicos brasileiros. Que haja o reconhecimento formal da função de curador como um cargo oficial e remunerado por esta função (ZAHER; YOUNG, 2003). A implementação de programas de capacitação e fixação de recursos humanos nas áreas de preparação (taxidermia, limpeza de fósseis, taxonomistas) e curadoria; e a imprescindível informatização total das coleções museológicas brasileiras colocadas numa rede de dados, uma Rede Nacional de Informações, baseada na infra-estrutura em informática das coleções (hardware, software, rede de comunicação). Isto multiplicará muito o potencial da construção do conhecimento humano.

Mesmo que todas estas providencias sejam tomadas, muitas décadas serão necessárias para que a população brasileira tenha interesse sobre os museus.

A distância entre as ciências e o conhecimento da população é um fenômeno que dificulta a própria sobrevivência de ambas, e os museus são esta ligação, assim como o são zoológicos, bibliotecas, centros culturais e escolas. Se a população sabe, quer mais saber. Se quer saber mais, há maior demanda sobre museus e outras instituições. Por isto temos poucos centros deste tipo no Brasil. Estamos atrasados e já é hora da sociedade perceber que acervos de qualquer ordem são tesouros nacionais, de valor incomensurável para a sociedade e que devem ser administrados de forma a crescerem, estarem seguros para poder dar os frutos de conhecimento à população na forma de novas descobertas científicas e incitando a curiosidade das crianças com as exposições didáticas bem elaboradas e saborosas ao olhar.

#### REFERÊNCIAS

- AURICCHIO, A. L. R. Os museus e a questão ambiental. **Publ. Avul. Inst. Pau Brasil de Hist. Nat.**, Arujá, v. 6, p. 49-98, 2003.
- FALASCHI, R. L.; CAPELLARI, R. S.; OLIVEIRA, S. S. Museus de ciência: do reconhecimento e conservação da biodiversidade à divulgação científica. **Revista Simbio-Logias**, v. 4, n. 6, p. 12-23, 2011. Disponível em: <<http://www.ibb.unesp.br/Home/Departamentos/Educacao/Simbio-Logias/MuseusdeCienciaReconhecimentoConservacaodaBiodiversidade.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2014.
- PAPAVERO, N. Prefácio. *In*: AURICCHIO, P.; SALOMÃO, M. G. **Técnicas de coleta e preparação de vertebrados**. Arujá: Terra Brasilis, 2002.
- VIVO, M.; SILVEIRA, L. F.; NASCIMENTO, F. O. Reflexões sobre coleções zoológicas, sua curadoria e a inserção dos Museus na estrutura universitária brasileira. **Arquivos de Zoologia**, v. 45, n. 10, p. 105-114, 2014.
- ZAHER, H.; YOUNG, P. S. As coleções zoológicas brasileiras: panorama e desafios. **Ciência e Cultura**, v. 55, n. 3, p. 24-26, 2003.